Discurso do Deputado Federal Nilto Tatto

Sessão Solene pelos 50 anos da Comissão Pastoral da Terra

Senhoras e senhores,

Companheiras e companheiros,

É com profunda emoção, gratidão e esperança que abrimos hoje esta Sessão Solene da Câmara dos Deputados em homenagem aos 50 anos da Comissão Pastoral da Terra — a nossa querida CPT.

Celebrar meio século da CPT é mais do que lembrar datas ou biografias. É reconhecer a força de um projeto coletivo, nascido da coragem de homens e mulheres comprometidos com a justiça, a dignidade e a libertação dos povos do campo. É homenagear uma trajetória marcada por fé, militância e compromisso com os últimos.

A CPT surge em 1975, em plena ditadura militar, como resposta e resistência ao avanço do latifúndio, à grilagem, à expulsão violenta de trabalhadores rurais e povos tradicionais de suas terras. Surge da indignação cristã diante das injustiças e da perseguição aos pobres. E, acima de tudo, nasce do Evangelho, da Teologia da Libertação, da opção preferencial pelos pobres e da prática das comunidades eclesiais de base.

A CPT não apenas acompanhou as lutas do povo do campo — ela esteve ao lado, caminhou junto, segurou a mão de quem apanhava, chorava, resistia e sonhava. Com presença firme em acampamentos, assentamentos, aldeias indígenas, territórios quilombolas, seringais, beiras de rio e no meio da floresta, a CPT se fez ponte entre a fé e a luta, entre a espiritualidade e a política, entre o Evangelho e a terra.

Quantas vidas foram salvas pela CPT? Quantas denúncias de violência ela fez chegar à Justiça? Quantas vezes ela gritou, quando ninguém mais escutava os pequenos? A CPT não pediu licença para incomodar os poderosos — ela fez da profecia sua missão.

Como militante da causa socioambiental, e hoje como deputado federal, posso afirmar sem hesitação: o Brasil tem uma dívida histórica com a Comissão Pastoral da Terra.

A CPT foi escola política para toda uma geração de militantes, educadores populares, advogados, religiosos e parlamentares comprometidos com a transformação social. E essa história se renova a cada novo enfrentamento, a cada levantamento sobre conflitos no campo, a cada denúncia de trabalho escravo, a cada apoio silencioso, porém firme, àqueles e àquelas que lutam pela terra e pelo território.

Mas se celebramos esses 50 anos com alegria, também o fazemos com indignação. Porque os desafios que a CPT denunciava em 1975 continuam presentes, e em muitos aspectos, se agravaram.

Vivemos tempos de grilagem institucionalizada, avanço desenfreado do agronegócio sobre os biomas, criminalização de lideranças, assassinatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, destruição das florestas e dos modos de vida tradicionais.

O capital quer transformar a terra em mercadoria, o território em ativo financeiro, os povos em obstáculo ao progresso. Mas a CPT nos ensina há 50 anos que a terra é dom de Deus, bem comum, mãe que alimenta e sustenta a vida.

E por isso, a luta da CPT é profundamente atual. Porque ela se opõe ao projeto de devastação, de concentração de poder, de desrespeito à diversidade cultural e espiritual que habita o Brasil profundo.

Como deputado federal, eu reafirmo aqui o meu compromisso — e o compromisso da Frente Parlamentar Ambientalista — com a pauta da reforma agrária, da defesa dos territórios tradicionais, da agroecologia, da soberania alimentar, da proteção aos defensores e defensoras da terra, e com uma transição ecológica que seja, antes de tudo, justa e popular.

É preciso dizer: não há justiça climática sem justiça agrária. Não haverá combate real à fome, à miséria e à desigualdade se não enfrentarmos a concentração de terras, de renda e de poder que ainda define o campo brasileiro.

E por isso a CPT incomoda tanto. Porque ela ousa dizer isso em alto e bom som. Porque ela está do lado de quem tem pouco. Porque ela acredita na organização popular como caminho de libertação.

Mas a CPT também nos ensina que é possível resistir com ternura. Que é possível denunciar com poesia. Que é possível plantar justiça com fé e colher dignidade com solidariedade.

Em nome da Câmara dos Deputados, eu quero agradecer a todos e todas que fazem parte dessa história. Aos agentes pastorais, bispos, padres, irmãs, educadores, advogados, agricultores, indígenas, quilombolas, pescadores e tantos outros que dão vida à CPT.

Saibam que vocês não estão sozinhos. Essa Casa, muitas vezes insensível ao grito da terra, também abriga vozes que ecoam a luta do povo. E hoje, essas vozes se levantam em homenagem à CPT.

Que essa homenagem não seja apenas simbólica, mas sirva para fortalecer o apoio institucional, político e material à CPT e às causas que ela representa. Que sirva para lembrar que sem justiça no campo, não haverá paz na cidade. Que sirva para afirmar que outro Brasil é possível — e que ele começa com a terra nas mãos de quem a trabalha.

Me despeço dizendo que a CPT não tem apenas uma história. Ela tem um futuro. E esse futuro continuará sendo construído com coragem, esperança e fé.

Viva a Comissão Pastoral da Terra!

Viva a luta pela terra, pelos territórios e pela dignidade do povo do campo!

Muito obrigado!